

Cristianismo e política na cultura do desprezo: o papel do cristão diante do esgarçamento do tecido social

*Felipe de Souza Marques*¹⁰²

Resumo: O presente artigo aborda o papel do cristão na cultura do desprezo. Busca-se responder ao seguinte problema: como os cristãos devem agir diante de conflitos políticos e sociais em uma cultura fragmentada e marcada pelo desprezo? O objetivo é apresentar o evangelho como referência norteadora para a resposta cristã. Para cumprir tal objetivo, o artigo seguirá a seguinte estrutura: 1) Apresentação da cultura do desprezo; 2) O papel do cristão em uma cultura marcado pelo desprezo; 3) Conclusão da pesquisa.

Palavras-Chave: Cultura do desprezo. Evangelho. Identidade. Reconciliação.

Abstract: This article discusses the role of the Christian in the culture of contempt. It seeks to answer this problem: how should Christians act in the face of political and social conflicts in a fragmented culture marked by contempt? The objective is to present the gospel as a guiding reference for the Christian response. To fulfill this objective, the article will follow this structure: 1) Presentation of the culture of contempt; 2) The christian's role in a culture marked by contempt; 3) Completion of the survey.

Keywords: Culture of contempt. Gospel. Identity. Reconciliation.

¹⁰² Bacharel em teologia pelo Seminário Cristo para as Nações (Belo Horizonte – MG), pós-graduado em teologia aplicada pelo Centro de Pós-graduação Andrew Jumper e pós-graduando em cristianismo e política pela Unifil/Centro de Pós-graduação Jonathan Edwards (Caruaru – PE). Professor no Instituto

Introdução

A produção do artigo em questão surgiu após a divulgação de pesquisas que apontam para um problema mais profundo que a mera polarização nas relações humanas, a saber, o desprezo por aqueles que defendem visões opostas, sobretudo na esfera política. Famílias, amizades e comunidades estão se desintegrando diante do que Arthur C. Brooks, reconhecido cientista político dos Estados Unidos, denominou como “cultura do desprezo”, conceito que apresentaremos com maiores detalhes na primeira parte do artigo.

Segundo pesquisa divulgada em 2018 pelo Instituto Ipsos, 84% dos Brasileiros acreditavam que o país estava dividido. Essa divisão se manifesta em famílias, amizades, grupos de WhatsApp e mídias sociais, ocasionando o rompimento de relações anteriormente sólidas. Quando comparado com o Brasil de 2008, 62% disseram identificar uma maior divisão em 2018. As divisões circundam, principalmente, assuntos políticos e culturais, onde apenas 29% se dizem tolerantes com outras visões (IPSOS, Mundo Dividido, 2018).

O mesmo instituto publicou pesquisa semelhante em 2021, agora voltando a atenção para as guerras culturais e tensões políticas. Segundo a pesquisa, “entre cada 10 brasileiros, 8 acreditam que há muita ou uma quantidade considerável de tensão entre pessoas que apoiam diferentes partidos políticos no Brasil atualmente”. Entre vários fatores, a polarização política foi listada como o principal motivo de tensões no país, situando o país acima da média global. Quase metade dos entrevistados acreditam que o Brasil enfrenta hoje divisões em torno de guerras culturais e conflitos de identidade (IPSOS, 2021).

É evidente que esse não é um fenômeno meramente nacional. Outros países, como os EUA, enfrentam problemas semelhantes. Uma pesquisa Reuters/Ipsos (WHITESIDES, 2017) identificou, em janeiro de 2017, que 1 em cada 6 americanos parou de conversar com um familiar ou amigo anteriormente próximo devido às eleições.

O artigo não possuía pretensão de responder definitivamente as questões expostas, mas contribuir para a reflexão acerca do papel do cristão diante de uma sociedade fragmentada. Na primeira parte o leitor encontrará uma apresentação da cultura do desprezo. Na segunda parte a discussão sobre a natureza do evangelho e sua função norteadora para o posicionamento cristão. O artigo é encerrado com a

conclusão da pesquisa. Para isso o artigo em questão seguirá o método bibliográfico, apresentando dados e conceitos já publicados em outros trabalhos científicos.

1. A cultura do desprezo

Arthur Brooks explica que o desprezo é diferente de demonstração de raiva. Essa ainda pode ser uma demonstração de pessoas que ainda acreditam que o relacionamento seja algo pelo qual devam lutar. Em contrapartida, o desprezo é uma junção do ódio com a aversão, algo que produz a certeza de que o outro lado não merece nem mesmo uma conversa ou qualquer demonstração de respeito (BROOKS A. C., 2021, p. 25).

O desprezo faz parte de nossas emoções, que, dada a natureza complexa do ser humano, são ainda grandemente incompreendidas. Segundo a Enciclopédia Barsa, é impossível que o homem interprete e reaja ao mundo em que vive de maneira neutra. Nossa interação com os objetos que nos cercam provoca afeições, desejos e anseios positivos ou negativos (Enciclopédia Barsa, 1979, p. 342).

Como parte das emoções básicas do ser humano, o desprezo acaba exercendo a função de delimitar a distância entre os indivíduos. É uma maneira, como observa o Dr. Freitas-Magalhães, de informar a própria superioridade diante da pessoa desprezada. Nesse sentido, o objetivo final do desprezo não é a resolução do conflito, o bem comum ou a busca pela verdade, mas sim a exclusão absoluta do outro (FREITAS-MAGALHÃES, 2017, p. 21).

A dinâmica do desprezo, portanto, opera a fim de suprimir completamente a voz do outro. Quando agimos com desprezo, não desejamos apenas vencer ou emplacar nossas ideias, mas silenciar por completo o nosso próximo por meio da mistura de raiva e repulsa (BROOKS A. C., 2021, p. 25).

O termo “cultura do desprezo”, neste artigo, pretende definir o modo pelo qual a sociedade ocidental responde aos conflitos políticos e sociais. O antropólogo Ashley Montaigu salientou que a cultura pode ser entendida como a maneira que um determinado povo responde à vida, concretizando tais respostas em instituições, sentimentos comuns e ideias (Enciclopédia Barsa, 1979, p. 46). Nesse sentido, a “cultura do desprezo” se desenrola como uma estrutura de comportamento que, por estar atrelada à cosmovisão de um determinado povo, acaba se tornando a via comum de resposta aos conflitos políticos e sociais.

Essas respostas são produzidas, reforçadas, fomentadas e transmitidas por diversos fatores. Tratando-se do desprezo e da disseminação desse tipo de resposta, os conceitos de Identidade e Identitarismo atuam como um mecanismo crucial para fomentar o desprezo. Diante da ascensão da pós-modernidade, o termo identidade passou a ocupar lugar de destaque na sociedade ocidental, principalmente nas ciências humanas (SILVA & SILVA, 2019, p. 202). Embora existam muitas abordagens em torno da identidade, Silva & Silva salientam que “tanto para a Antropologia quanto para a Psicologia, a identidade é um sistema de representações que permite a construção do ‘eu’, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros” (SILVA & SILVA, 2019, p. 202).

O termo Identitarismo é usado de maneira diferente por muitos autores, mas segundo a Enciclopédia Filosófica de Stanford, o essencial parece ser o significado que é atribuído ao sujeito por meio das semelhanças de experiências com um determinado grupo, formando as bases para a interpretação da realidade, de si mesmo e estabelecendo posicionamentos políticos e sociais tendo a identidade como referência. Contudo, a construção de uma visão total a partir de experiências particulares, segundo críticos, acaba impedindo a construção de pontes e a identificação de pontos em comum (Enciclopédia de Filosofia Stanford, 2002).

Diante disso, podemos concluir que uma cerca identitária muito extensa pode ser um empecilho para a construção de uma relação política harmoniosa com vistas ao bem comum, estabelecendo mínimas diferenças como questões cruciais para a aproximação. Um exemplo é a pesquisa realizada no Estados Unidos sobre a possibilidade de entrar em um relacionamento amoroso com uma pessoa de outro posicionamento político. Em 1960, perguntaram a democratas e republicanos se eles ficariam insatisfeitos caso seus filhos se casassem com alguém do outro partido. Nesse contexto, apenas 5% dos Republicanos e 4% dos democratas responderem afirmativamente. Já em 2008, a empresa especializada em pesquisas YouGov realizou a mesma pergunta. 27% dos republicanos e 20% dos democratas responderam que ficariam insatisfeitos. Após dois anos a mesma pesquisa foi realizada, e o resultado evidenciou a escalada dos posicionamentos políticos como definição identitária. Nesse último contexto, 49% dos Republicanos e 33% dos Democratas responderam que ficariam entristecidos em compartilhar a vida com um opositor político (AGUIAR, 2021).

Embora não tenhamos pesquisas sobre o assunto no Brasil, o surgimento de grupos de relacionamentos tendo o posicionamento político como referência

indica a mesma escalada. Os grupos PTinder e Bolsoteiros são apenas dois dos muitos grupos que surgiram com o fim de promover relações amorosas sem o risco de opiniões políticas divergentes (LISBOA, 2019).

Toda a ênfase da pós-modernidade em uma identidade cada vez mais ampliada acaba por fomentar a cultura do desprezo, conforme observa o cientista social Arthur Brooks:

A identidade obscurece tanto quanto ilumina. Ela pode criar um rápido sentido de pertencimento entre estranhos, mas pode, com a mesma facilidade, criar linhas divisórias onde elas nunca deveriam existir, cortando as conexões humanas que podemos e devemos ter com os outros e fomentando nossa cultura de desprezo (BROOKS A. C., 2021, p. 141).

Mark Lilla, da Universidade de Columbia, tem demonstrado o prejuízo da política identitária, ou seja, da prática política conduzida em torno do conceito de identidade. Em um de seus livros, ele observa que

“A política identitária da esquerda se tratava, a princípio, de grandes grupos de pessoas — afro-americanos, mulheres — que buscavam reparar grandes erros históricos se mobilizando e se valendo de nossas instituições políticas para assegurar seus direitos. Mas nos anos 1980 essa política ceder lugar a uma pseudopolítica de autoestima e de autodefinição cada vez mais estreita e excludente, hoje cultivada nas faculdades e universidades. Seu principal resultado foi fazer os jovens se voltarem para a própria interioridade em vez de se abrirem para o mundo exterior. Isso os deixou despreparados para pensar no bem comum e no que deve ser feito, na prática, para assegurá-lo” (LILLA, 2018, p. 14).

As políticas de identidade, portanto, tanto produzem quanto transmitem e reforçam a cultura do desprezo. O propósito não é apresentar o conceito de identidade como necessariamente problemático, mas sim demonstrar como a cultura do desprezo é alimentada pelo discurso identitário pós-moderno. Diante do problema identificado, várias propostas são apresentadas como soluções possíveis para o desprezo que assumiu o comando das relações humanas.

Em um artigo sobre o assunto, o teólogo brasileiro Guilherme de Carvalho pontuou:

Esse indivíduo narcisista não consegue pensar em articulação comunitária construtiva, embora seja capaz da mentalidade tribal; ele não dá conta dos deveres da fraternidade, embora possa odiar em grupo. O resultado disso é a atrofia do tecido social, a perda da capacidade da fraternidade e de efetivar igualdade e liberdade (CARVALHO, 2020).

As políticas de identidade, portanto, tanto produzem quanto transmitem e reforçam a cultura do desprezo, o que a longo prazo acaba por romper com a confiança entre as pessoas e fragmentar a sociedade.

Em um cenário fragmentado como o exposto, como os cristãos devem agir? Segundo o teólogo Kevin Vanhoozer, um dos objetivos da teologia é a sabedoria que nos capacita a encenar a doutrina com fidelidade e deleite (VANHOOZER, 2016, p. 43). Nesse sentido, a teologia deve se preocupar com a verdade, de maneira que possa “promover caminhos de vida verdadeiros” (VANHOOZER, 2016, p. 30), que levará, necessariamente ao bem comum e à vida eterna. A teologia cristã, portanto, possui relevância no papel de esclarecer os caminhos de vida nos diversos períodos da história. Qual é, então, o papel do cristão num período marcado pelo desprezo e pelo esgarçamento do tecido social?

Qualquer um que pretenda responder a seguinte questão deve, evidentemente, levar em consideração a natureza do Evangelho.

2. O evangelho e o papel do cristão na cultura do desprezo

Vanhoozer observa que a responsabilidade do teólogo é garantir que o discurso e a prática da igreja estejam em alinhamento com a Palavra de Deus (VANHOOZER, 2016, p. 20). O teólogo, portanto, possui a tarefa de interpretar a cultura e traduzir o evangelho, tanto para os cristãos quanto para os incrédulos. Sem o claro entendimento sobre o evangelho seria impossível tecer um tipo de resposta cristã para o assunto.

Para Tim Keller, o evangelho não pode ser confundido com um modo de vida, levando ao mérito próprio e reduzindo o caráter do evangelho. Segundo ele, devemos lembrar que o evangelho é uma boa notícia, algo que já foi realizado e que exige uma resposta (KELLER, 2014, p. 35).

Ressaltar que o evangelho é uma boa notícia não significa dizer que é algo vazio e destituído de uma capacidade própria para transformação. Como salientou Vanhoozer, a fala é um dos atos de Deus (VANHOOZER, 2016, p. 63). Só é possível existir uma notícia de algo que foi realizado. Portanto, o evangelho é tanto o evento realizado em Cristo quanto a notícia que se segue.

A boa notícia é que fomos reconciliados com Deus por meio da obra de Cristo. Estávamos separados de Deus devido ao nosso pecado. Segundo Keller, nossa alienação em relação a Deus também nos separou socialmente dos outros (KELLER, 2014, p. 35), trazendo consequências tenebrosas para as relações humanas.

A cultura do desprezo pode ser entendida como uma das consequências da queda e da subsequente alienação de Deus. Em Gênesis 3.12 podemos identificar a transferência de culpa e no verso 16 o distanciamento entre homem e mulher (KELLER, 2014, p. 36). Ambos podem ser facilmente identificados no núcleo do desprezo.

A transferência de culpa e a crença em uma suposta superioridade moral se manifestam não apenas ativamente, em palavras e atitudes evidentes, mas também passivamente, pela falta de confiança. David Brooks, em um de seus artigos, escreveu:

A confiança social é uma medida da qualidade moral de uma sociedade - se as pessoas e instituições nela são confiáveis, se cumprem suas promessas e trabalham para o bem comum. Quando as pessoas em uma igreja perdem a fé ou confiança em Deus, a igreja entra em colapso. Quando as pessoas em uma sociedade perdem a fé ou a confiança em suas instituições e umas nas outras, a nação entra em colapso (BROOKS D. , 2020)

O colapso ou a fragmentação de uma sociedade são consequências da falta de confiança interna entre as pessoas que a compõem, segundo Brooks. Pesquisas do Our World in Data (BROOKS D. , 2020) indicam a correlação entre alta confiança interna e prosperidade econômica e baixa confiança interna e dificuldades econômicas, confirmando a tese que a cultura do desprezo acaba contribuindo para o colapso social.

Também sobre a confiança interna e seus efeitos, Guilherme de Carvalho pontua que

o capital social é, de forma muito simples, a capacidade de cooperação entre as pessoas, sinalizada por hábitos morais, como a confiança e a cultura do voluntariado; coesão ideológica, como o compartilhamento de valores e visões de mundo; e recursos institucionais, como agências, fundações e iniciativas coletivas. Quando o capital social é alto, temos mais responsabilidade social, mais produtividade econômica e mais democracia (CARVALHO, 2020).

O problema que deve ser destacado, contudo, é que uma das causas para a derrocada da confiança interna entre as pessoas é a suspeita moral, ou seja, a crença de que as pessoas do outro lado no espectro político e ideológico são más ou possuem motivações duvidosas. Uma pesquisa realizada entre os alunos de uma universidade dos EUA demonstrou que, no processo de seleção das fraternidades, os alunos se orgulhavam em aceitar pessoas de outras raças e classes econômicas, mas barravam candidatos com valores morais e posicionamentos políticos divergentes (HAIDT apud BROOKS A. C., 2021, p. 129). O desprezo moral ligado ao posicionamento político também foi identificado por estudiosos de Stanford e Princeton, onde foi verificado que as pessoas adotam uma visão mais discriminatória em relação às pessoas do partido oposto do que de outras raças (IYENGAR apud BROOKS A. C., 2021, p.129).

A transferência de culpa e o distanciamento presentes no Éden se manifestam também hoje na cultura do desprezo, acarretando em exclusão e na polarização tão claramente observada. Conforme observou Keller, “todos os problemas humanos são sintomas, e nossa separação de Deus é a causa” (KELLER, 2014, p. 36). Sendo a queda o motivo base para todas essas distorções, precisamos de algo mais profundo e subversivo do que a tolerância para a resolução do problema: o evangelho da reconciliação encenado pela comunidade da fé.

Uma das imagens utilizadas para comunicar a obra da salvação operada por Cristo é a reconciliação. Segundo John Stott, “a primeira coisa que se deve dizer acerca do evangelho bíblico da reconciliação é que ele tem início na reconciliação com Deus, e continua com uma comunidade reconciliada em Cristo” (STOTT, 2006).

Sobre a reconciliação, um dos textos centrais está na carta de Paulo aos Romanos:

Logo, muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação (Romanos 5.9-11).

É importante ressaltar que, conforme demonstrado pelo Apóstolo Paulo, nossa reconciliação só é possível pela justificação, ou seja, nossa nova posição como justos pelos méritos de Cristo (STOTT, 2006, p. 196). Diferentemente do que se pode imaginar, não fomos reconciliados porque havia em nós merecimento (Romanos 5.9), mas pela graça de Deus manifestada em Cristo (Romanos 6.20).

A reconciliação nos inseriu em um novo relacionamento com Deus, resolvendo o grande problema da queda: nossa alienação em relação a Deus. O Apóstolo Paulo usa termos como “paz com Deus” (Romanos 5.1), “entrada” (Romanos 5.2) e “adoção” (Romanos 8.15) para caracterizar o tipo do novo relacionamento que possuímos com Deus (STOTT, 2006, pp. 197-198) e, conseqüentemente, com o próximo (Romanos 12.10).

Assim chegamos à questão inicial do artigo, a saber, qual o papel do cristão diante da cultura do desprezo? A resposta já foi apresentada acima, mas deve ser melhor explanada. A encenação do evangelho da reconciliação pela comunidade da fé é a resposta norteadora defendida pelo presente artigo como solução ou enfraquecimento da cultura do desprezo.

Sobre a comunidade da fé, Vanhoozer observa que a grande questão sobre a natureza da igreja é o que ela “tem a dizer e fazer que nenhuma outra instituição tem condições de dizer e fazer?” (VANHOOZER, 2016, p. 416). Como comunidade daqueles que receberam a reconciliação com Deus por meio da fé na obra de Cristo, apenas a igreja está habilitada para encenar em plenitude o novo tipo de relacionamento que pode mitigar o desprezo.

Em primeiro lugar, os cristãos encenam o evangelho da reconciliação evidenciando a identidade refeita em Cristo e, portanto, rompendo com a bolha das políticas de identidade. Sobre a identidade, Tim Keller pergunta:

E se fomos criados por um Deus pessoal e recebemos uma missão e um chamado pessoais? Então nem o indivíduo tem prioridade sobre o grupo (o que poderia levar à fragmentação social_ nem a comunidade tem prioridade sobre o indivíduo (o que poderia levar à opressão). O que importa não é o que a sociedade diz a meu respeito nem o que penso de mim, mas o que Deus diz e pensa (KELLER, Deus na era secular: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo, 2018, p. 176).

Conforme já apresentado, o conceito de identidade hoje é usado a fim de ressaltar as diferenças e fomentar o desprezo. Contudo, o parâmetro bíblico atua a partir de outro referencial, tendo em vista a natureza de Deus e de sua graça manifestada a nós. Isso pode ser notado na vida do Apóstolo Paulo. Escrevendo aos Filipenses, ele disse:

Ainda que eu também podia confiar na carne; se algum outro cuida qu pode confiar na carne, ainda mais eu: Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo.

E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo (Filipenses 3.4-8).

O texto apresentado revela a atitude de Paulo diante de fatores que poderiam legitimar sua identidade e traçar diferenciações indevidas em suas relações. Para Tim Keller, isso reflete o coração do evangelho, uma vez que coloca em evidência o ponto central da identidade cristã: os méritos de Cristo (KELLER, Deus na era secular: como os cétricos podem encontrar sentido no cristianismo, 2018, p. 179). A identidade, portanto, não deve ser rejeitada, mas encaixada na história da redenção, tendo como ponto culminante a cruz de Cristo.

Enquadrar nossa identidade na história da redenção também evita certos perigos reducionistas. Isso porque todas as pessoas refletem tanto a bondade, produto da criação, quanto a maldade, produto da queda. A identidade forjada na cruz consiste em ressaltar e afirmar aquilo que tem origem na criação e negar o que tem origem na queda (STOTT, 2006, p. 287). Uma identidade como essa nos lembra que todos os seres humanos carregam a imagem de Deus e os efeitos da queda, evitando o reducionismo antropológico onde o lado oposto do espectro político é sempre o ruim.

Em segundo lugar, os cristãos encenam o evangelho da reconciliação quando atuam como pacificadores (Mateus 5.9), embaixadores do amor fraternal (Romanos 12.10) e imitadores de Deus, andando em amor sacrificial (Efésios 5.1-2).

Como supracitado, os cristãos só podem desfrutar de um relacionamento de “paz”, “amor”, “adoção” e “acesso” com Deus porque o preço foi pago em Cristo, aplicando a justificação e possibilitando a reconciliação. O teor e a natureza da nossa relação foram alterados enquanto ainda éramos “inimigos” (Romanos 5.10), “fracos” (Romanos 5.6), “pecadores” (Romanos 5.8) e “ímpios” (Romanos 5.6).

Pela obra de Cristo podemos perceber que o desprezo não pode ser superado sem algum custo. Paz, amor fraternal, entrega e todas essas outras coisas exigem um preço que precisa ser despendido a fim de estabelecer a paz (STOTT, 2006, p. 299). Justamente por isso os cristãos são os mais habilitados para contribuir nesse momento crucial. Como salientou Stott, “toda a pacificação cristã autêntica exhibe o amor e a justiça -e, portanto, a dor – da cruz (STOTT, 2006, p. 300)

Conclusão

O presente artigo apresentou, na primeira parte, a cultura do desprezo e a influência das políticas de identidade em sua reafirmação e transmissão. Nesse sentido, verificou-se a veracidade da constatação por meio de inúmeras pesquisas e produções bibliográficas já produzidas sobre o assunto.

A construção de políticas em torno do conceito de identidade foi demonstrada como um fator de relevância para o contexto de fragmentação em que nos encontramos atualmente. O identitarismo formou bolhas que, segundo os estudiosos de diversas áreas, continua impedindo o contato com a realidade e a manutenção do tecido social, tão necessário para uma nação democrática.

Na segunda parte foi exposta uma breve definição do evangelho, fazendo um recorte em torno da reconciliação, a fim de ressaltar a posição cristã diante dos conflitos políticos e sociais da atualidade.

A reconciliação, uma das imagens bíblicas empregadas para explicar a obra de Cristo, foi utilizada como referencial para demonstrar como os cristãos podem contribuir para o bem comum em um período de tamanha tensão.

Conclui-se, portanto, que diante do problema apresentado, o papel dos cristãos é encenar o evangelho da reconciliação, ressaltando a nova identidade em Cristo, cumprindo a tarefa de pacificação e, como imitadores de Cristo, sofrer o custo do sacrifício com o objetivo de promover a reconciliação em uma sociedade que enfrenta o esgarçamento do tecido social. Só assim, tendo em vista o que foi exposto, será possível contemplar a ascensão de uma nova coesão em nossa sociedade.

Referências

AGUIAR, K. **É Possível casar com alguém com ideologia política diferente da sua?** Zankyou. 2021. Disponível em: <https://www.zankyou.com.br/p/e-possivel-casar-com-alguem-com-ideologia-politica-diferente-da-sua-leitores-respondem>. Acesso em: 08/12/2021.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Almeida Corrigida Fiel. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

BROOKS, A. C. **Ame seus inimigos: como as pessoas decentes podem salvar a**

civilização da cultura do desprezo. São Paulo: LVM Editora, 2021.

BROOKS, D. **American is having a moral convulsion.** The Atlantic. 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2020/10/collapsing-levels-trust-are-devastating-america/616581/>. Acesso em: 08/12/2021.

CARVALHO, G. **Por que a fraternidade importa.** Gazeta do povo. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/guilherme-de-carvalho/confianca-fraternidade-democracia-politicas-identitarias/>. Acesso em: 08/12/2021.

CULTURE Wars Around the World: polarização partidária é apontada como maior causa de tensão no Brasil. Instituto Ipsos. 2021. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/culture-wars-around-world-polarizacao-partidaria-e-apontada-como-maior-causa-de-tensao-no-brasil>. Acesso em: 08/12/2021.

ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro: Encyclopædia Britannica Editores Ltda, 1979. Vol. 05.

FREITAS-MAGALHÃES, A. **Código do desprezo.** Lisboa: Leya, 2017.

MUNDO dividido. Instituto Ipsos. 2018. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/mundo-dividido>. Acesso em: 08/12/2021.

KELLER, T. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, T. Deus na era secular: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018. São Paulo: Vida Nova, 2018.

LILLA, M. **O progressista de ontem e o de amanhã: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias.** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

LISBOA, D. PTinder e Bolsolteiros traduzem o amor em tempos de polarização política. 2019. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/11/07/o-amor-em-tempos-de-polarizacao-politica-do-bolsolteiros-ao-ptinder.htm>. Acesso em: 06/12/2012.

SILVA, K. V., & SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Editora contexto, 2019.

STOTT, J. **A cruz de Cristo.** São Paulo: Editora Vida, 2006.

VANHOOZER, K. J. **O drama da doutrina: uma abordagem canônico-lingüística da teologia cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

WHITESIDES, J. From disputes to a breakup: wounds still raw after U.S. election. Reuters. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-relationships-insight-idUSKBN15M13L>. Acesso em: 08/12/2021.